

A Rota Histórica das Linhas de Torres (RHLT) é um projeto integrado de recuperação, valorização e divulgação de parte significativa de um conjunto de fortificações militares erguidas entre 1809-1811, para defesa da cidade de Lisboa contra as invasões dos exércitos napoleónicos, durante a Guerra Peninsular (1807-1814). Apoiada numa rede inter-concelhia de Centros de Interpretação, a RHLT foi concebida e implementada a partir de 2006 por uma associação de seis municípios, reunidos na Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres (Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira). A RHLT é cofinanciada pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu, cujos países doadores são a Islândia, o Liechtenstein e a Noruega, e é apoiada por diversas entidades, com destaque para o Exército Português e o Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico.

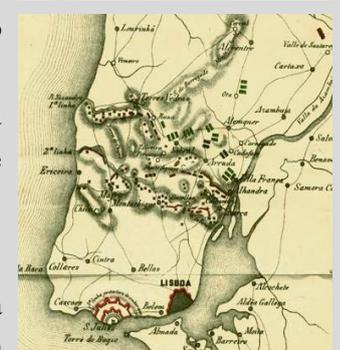
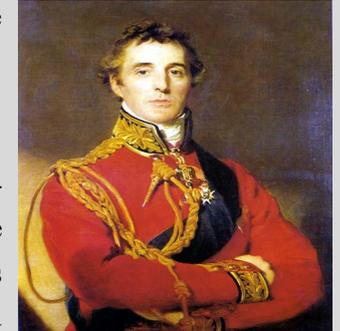
Um pouco de história...

No início do Século XIX, Napoleão Bonaparte lança-se na expansão do império francês a toda a Europa e decreta o Bloqueio Continental, para isolar a rival Inglaterra. Portugal, velho aliado dos Ingleses, desafia o Bloqueio. A primeira invasão francesa dá-se em novembro de 1807, sob o comando do General Junot, e, a conselho dos ingleses, a Família Real foge para o Brasil. As tropas francesas passaram por Vila Franca de Xira, e chegaram a Lisboa com facilidade. Em março de 1809, o exército francês, sob o comando do Marechal Soult, invade novamente o País, pelo Norte. Após a retirada das tropas de Soult, o Duque de Wellington decide defender Lisboa, mandando edificar aquele que é considerado o mais eficiente sistema de fortificações de campo da História Militar: As Linhas de Torres.

As Linhas de Torres

Idealizadas por Wellington e construídas com a mão-de-obra portuguesa, sob a direção dos engenheiros militares Richard Fletcher e John Thomas Jones, as Linhas de Torres Vedras são hoje uma referência histórica na estratégia e arquitetura militares da Europa. Edificado a norte da capital entre 1809 e 1812, este conjunto abrange, na sua forma final, 152 obras militares dispostas numa área de 85 quilómetros, entre o Oceano Atlântico e o rio Tejo, tirando partido do relevo acentuado e dos obstáculos naturais da região. Os fortes, redutos e baterias, fornecidos com peças de artilharia e pólvora do Arsenal de Lisboa, tinham na sua guarnição artilheiros portugueses e ingleses, e companhias de ordenanças e milícias de várias regiões do país.

Em outubro de 1810, quando o exército napoleónico chega à vista das fortificações, o avanço da construção materializava-se em duas linhas de defesa: a primeira, numa extensão de 46 quilómetros, ia de Alhandra à foz do rio Sizandro, em Torres Vedras. O rio Tejo era defendido por uma flotilha de lanchas canhoneiras, fundeadas perto do mouchão de Alhandra. Esta linha protegia a linha principal, situada à sua retaguarda, que numa extensão de 39 quilómetros ia desde as salinas perto do Forte da Casa até Ribamar, em Mafra.



Forte 1º de Subserra (Obra militar nº114)

Situava-se no Distrito Militar n.º 1, posição defensiva de Alhandra, no arranque da 1ª linha de Torres Vedras. Tinha como objetivo central impedir que o inimigo atacasse o flanco esquerdo da posição, junto à Bateria de São Fernando (n.º 4) e, cruzando tiro com a Bateria Nova de Subserra (n.º 114a), obstar a uma progressão do inimigo através do vale de Subserra, que contornasse a posição de Alhandra. Tinha uma guarnição de 100 homens, e era um reduto munido de 1 peça de calibre 6 e 2 peças de calibre 9.

Características arquitetónicas

Forma pentagonal. Possui 3 canhoneiras. Núcleo de Subserra. Forte situado na Serra de São Lourenço ou de Alhandra, freguesia de São João dos Montes. Acessos (rodoviário/ velocípede/ pedonal): EN10 – Estrada do Miradouro, na freguesia do Sobralinho.

Apontamentos históricos

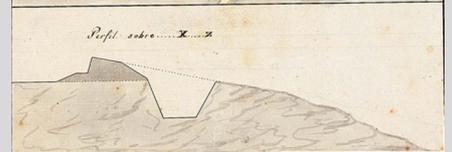
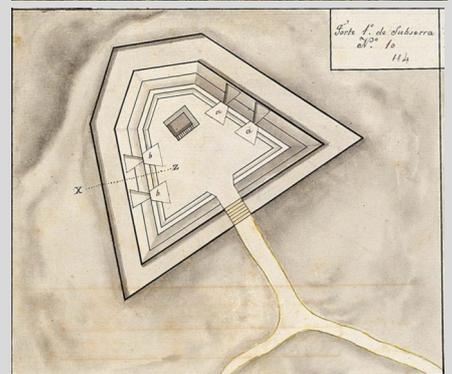
Construído a partir de fevereiro de 1810. A partir de outubro, defendido por guarnição composta por milícias ou ordenanças portuguesas, e artilheiros portugueses, enquadrados na retaguarda pela 2ª Divisão do general Rowland Hill e em Alhandra por regimentos da Divisão portuguesa do major-general John Hamilton, que se opunham ao II Corpo do general Jean Reynier, baseado em Vila Franca de Xira.

Observatório de Paisagem

Monumento Comemorativo das Linhas de Torres Vedras

No alto do monte que domina Alhandra, ergue-se um monumento, que pretende comemorar a vitória das tropas anglo-lusas sobre os exércitos napoleónicos e a própria construção das linhas de Torres Vedras. Trata-se de um monumento, projetado pelo então tenente-coronel da Artilharia, Joaquim da Costa Cascaes, por indicação do marquês de Sá da Bandeira. Os trabalhos foram concluídos em 1883. A estátua (a clássica figura grega de Hércules), foi executada pelo escultor Simões de Almeida. O fuste corresponde a uma peça de mármore proveniente de Pêro Pinheiro. Nele foram colocadas, em 1911, duas placas de homenagem aos engenheiros militares envolvidos nesta missão, o tenente-coronel de Engenharia, Sir Richard Fletcher do Exército Inglês e Neves da Costa, Oficial do Real Corpo de Engenharia Portuguesa, a quem se devem os estudos fundamentais do terreno em que foram levantadas as Linhas.

Do observatório, avistam-se as Lezírias, o Tejo, Alhandra e a área industrial envolvente. Neste local, houve um reduto defensivo, o Forte da Boavista, e era composto por artilharia e 200 soldados.



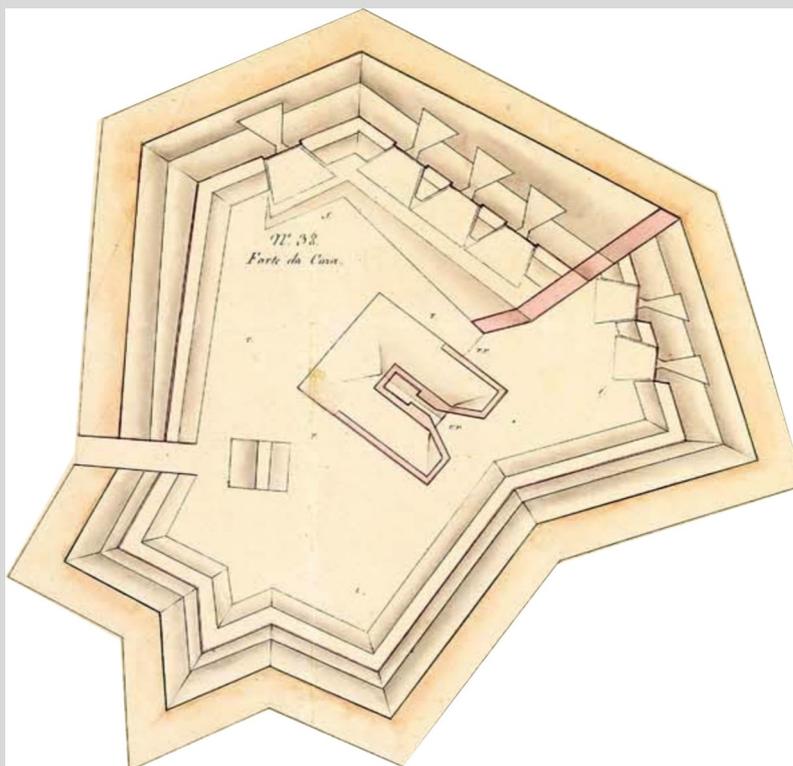
Centro Interpretativo do Forte da Casa e Obra Militar nº38

A obra militar nº38, foi construída no arranque da segunda linha de fortificações, numa posição estratégica privilegiada: a Serra da Albueira, atualmente, na área da freguesia do Forte da Casa. Integrada numa série de sete fortes que se estendiam desde a margem do rio Tejo às alturas da serra, tinha como objetivo impedir o avanço do exército inimigo pelas duas principais estradas de acesso à capital, a estrada real D. Maria I, que corria junto ao rio, e a estrada real de Vialonga.

Apresenta uma planta em formato de estrela, dotada de fosso, seis canhoneiras e tinha capacidade para 340 homens. Foi guarnecida com cinco peças de calibre 9, manejadas por artilheiros e ordenanças portuguesas. Em caso de ataque, tinha na retaguarda o auxílio das milícias nacionais do coronel Carlos Frederico Lecor.

O Centro Interpretativo está implantado no perímetro da obra militar nº38, e tem como objetivo dar a conhecer ao visitante alguns episódios da história conturbada das Invasões Napoleónicas a Portugal, os testemunhos e o impacto no concelho de Vila Franca de Xira, e a relação do Forte da Casa com a estratégia e a implantação regional das Linhas de Torres Vedras.

Os visitantes, poderão, percorrer o interior das estruturas originais da fortificação, postas a descoberto por escavações arqueológicas em 2008 e 2010. Fosso, paiol e canhoneiras são visitáveis com o auxílio de painéis com sinalética informativa, que proporcionam um enquadramento histórico.



Núcleo da Serra da Aguieira - Fortes da Aguieira

Forte da Aguieira (nº 40)

Pertencia à Segunda Linha de Torres Vedras, fechando o flanco esquerdo da posição defensiva de Vialonga, que se ligava ao início da Linha junto ao rio Tejo, em Forte da Casa [nº 38]. Está localizado no topo da serra da Aguieira, que domina o desfiladeiro de Bucelas. Não munido de peças, estava destinado para tiro de fuzil, em barbete, com o objetivo de cobrir os Fortes da Portela Pequeno [n.º 42] e Portela Grande [nº 41] e para bater pelo fogo a frente da serra, por onde seguem as estradas de São Tiago dos Velhos e de Alverca para o Casal da Portela. Tinha uma guarnição de 150 homens.

Forte da Portela Grande (nº41)

Forte da Portela Pequena (nº42)

Foram construídos no topo da serra da Aguieira, uma elevação que domina o desfiladeiro de Bucelas, de onde se tem uma vista soberba sobre o rio Tejo e suas lezírias. Tinham como objetivo bater pelo fogo as frentes Este e Oeste dos terrenos da serra, mas sobretudo impedir a progressão inimiga pelas estradas que vinham de Alverca e de São Tiago dos Velhos e passavam pelo Casal da Portela. O forte n.º 42, mais a norte, vigiava ainda de forma imponente o desfiladeiro de Bucelas, e a estrada que por aí se dirigia para Alverca, podendo conjugar a sua defesa com o Forte do Arpim [nº 125] construído posteriormente. Ambos têm uma particularidade única nas Linhas de Torres: o paiol é coberto por uma abóbada em pedra, ainda hoje bem conservada, os restantes tinham, regra geral, cobertura de madeira.

O forte nº41 tinha uma guarnição de 240 homens, e o forte nº42, tinha uma guarnição de 350 homens.

